

# PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

SANTOS, Edilene Araújo dos  
Mestrado Profissional em Formação de Professores – UEPB

[Edilene2santos@gmail.com](mailto:Edilene2santos@gmail.com)

SILVA, Maria do Socorro de Lucena  
Mestrado Profissional em Formação de Professores – UEPB

[maryhelpbrim@bol.com.br](mailto:maryhelpbrim@bol.com.br)

## RESUMO

Este artigo tem como propósito apresentar algumas sugestões de práticas de leitura e escrita que poderão ser desenvolvidas junto aos alunos que estudam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental através das tecnologias digitais, como forma de contribuir para a melhoria das ações pedagógicas desenvolvidas nas escolas. Nesse sentido, o mesmo objetiva discutir como as tecnologias digitais auxiliam no processo de leitura e escrita dos alunos para que se tornem leitores assíduos e bons produtores de textos, uma vez que, essas tecnologias estão a todo tempo ao seu redor e muitas já fazem parte do seu cotidiano. Para fins deste estudo, serão levadas em consideração as contribuições teóricas de Lajolo e Zilberman (1982), Soares (2002) e Araújo (2008). Quanto aos aspectos metodológicos, se refere a uma pesquisa de nível bibliográfica e explicativa, de natureza qualitativa. Assim sendo, considera-se que o professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ao fazer uso dessas informações possa exercer a sua função atuando em sala de aula ou fora dela, de forma autônoma e dinâmica, tendo em mente que o conhecimento nunca está completo e deve ser construído no dia a dia, a partir da busca por uma educação qualitativa. Nesse sentido, só assim se terá um profissional capaz de se adequar as exigências desse mundo plural e tecnológico em que vive, sendo capaz de se apresentar bem, principalmente, aos olhos dos alunos que se encontram na condição de nativos digitais e almejam a inserção dessas tecnologias dentro da escola para contribuir com a sua formação.

**Palavras-Chave:** Leitura. Escrita. Tecnologias Digitais.

## READING AND WRITING PRACTICES THROUGH THE NEW TECHNOLOGIES

### ABSTRACT

This article purposes to present some suggestions for practicing reading and writing skills that can be developed with the students who study in the initial grades of elementary education through digital technologies as a way of contributing to the improvement of educational activities developed in schools. In this sense, it aims to discuss how digital technologies assist in the process of reading and writing students to become assiduous readers and good producers of texts, since these technologies are at all time to their unvironment and many of them already are part of their daily lives. To this study, will be considered the theoretical contributions of Lajolo e Zilberman (1982), Soares (2002) and Araújo (2008). As for methodological aspects, it refers to a bibliographic, explanatory and qualitative level research. Thus, it is considered that, when the teacher in the initial grades of Elementary Education makes use of those information, he can perform his job acting in the classroom or outside it, in a dynamic and autonomous and way, keeping in mind that the knowledge is never complete and it must be constructed day by day, seeking for a quality education. In this sense, there

will be, a professional that be able to adjust himself to the demands of this plural and technological world in which we live, being able to perform well, especially to those students who are in condition of digital natives and long for the insertion of these technologies within the school to help with their educational background.

**Keywords:** Reading. Writing. Digital Technologies.

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de civilização da humanidade apresenta-se em contínuo movimento, e diante dos múltiplos desafios impostos pela sociedade contemporânea, ou seja, da informação e do conhecimento, percebe-se a necessidade de se voltar à atenção para a escola como instituição capaz de garantir a todos os cidadãos o direito ao conhecimento.

Nesse sentido, a escola em tempos de pós-modernidade, apresenta-se no cenário mundial como uma instância privilegiada e dentro dela é impossível não perceber a importância de se investir insistentemente em práticas didático-pedagógicas que possam suscitar nos alunos o desejo de participar ativo e conscientemente de todas as questões que se apresentam diante da sociedade. Logo, primar por uma formação eficiente e eficaz representa uma questão relevante a ser discutida no caminho da construção e reconstrução de uma escola pública e de qualidade para todos.

Conforme afirma Cagliari (2004) muitas atividades relacionadas à escrita e à leitura, propostas pela escola, não apresentam significados para a criança, haja vista que estas têm objetivos alheios aos da produção da escrita e do exercício da leitura enquanto práticas sociais. A partir das exigências impostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 se entende que, de acordo com as estatísticas<sup>1</sup>, aumentaram-se o número de licenciados no Brasil. Contudo, se identifica em algumas situações que a prática de muitos professores continua não interferindo de forma específica na melhoria da qualidade da educação, pois, há um contingente muito grande de alunos egressos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que não conseguem ler, muito menos escrever de forma satisfatória.

Mediante essa situação, se observa que há a necessidade de serem trabalhadas nas escolas públicas com práticas pedagógicas e recursos didático-metodológicos que possam dar ênfase as tecnologias digitais no intuito de inserir as crianças que estão em processo de desenvolvimento, bem como, possibilitar o acesso ao saber sistematizado, como forma de

---

<sup>1</sup> Ver dados da pesquisa realizada por Bernardete A. Gatti. In.: Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> (Acesso em 30 de julho de 2014).

oportunizá-las melhores condições quanto ao acesso à leitura e a produção de textos, uma vez que, só escreve bem quem lê.

A partir desse artigo bibliográfico, se pretende contribuir com as discussões do GT 18 que irá discutir sobre práticas de leitura, escrita e literatura infantil no cenário escolar como forma de contribuir para mais uma reflexão através das tecnologias digitais para que sejam desenvolvidas nas escolas, práticas pedagógicas capaz de mobilizar professores e alunos para se situarem como sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, onde possam, satisfatoriamente, ensinar e aprender com prazer.

## **2 A LEITURA E A ESCRITA COMO NECESSIDADES BÁSICAS DO SER HUMANO**

Passados mais de uma década deste século XXI, percebe-se uma verdadeira anomia quanto às práticas de leitura e escrita desenvolvidas nas escolas. Mediante o número crescente de desescolarizados e de analfabetos funcionais, observa-se nos tempos hodiernos, que se vive numa sociedade letrada onde o ser humano sente a necessidade de investir na sua formação como mecanismo de inserção social, a fim de poder participar ativamente das decisões que lhes são exigidas. De acordo com Pires, Costa e Ferreira (2007, p. 65):

Para os sujeitos, saber ler e escrever tem se revelado, muitas vezes, condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas. É preciso ir além da simples aquisição do código escrito; é preciso fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano; apropriar-se da função social dessas duas práticas; é preciso letrar-se.

Não é novidade que o Brasil ainda enfrenta o problema do analfabetismo. É real que este país possui um número significativo de indivíduos que não adquiriram o saber necessário para atender às exigências desta sociedade letrada. De acordo com as estatísticas são 13 milhões de analfabetos no Brasil que vem decrescendo e encontra-se num percentual de 8,2%<sup>2</sup>.

A preocupação mesmo obtendo um decréscimo considerável é que, grande parte dessas pessoas, por estarem na condição de analfabetas, é incapaz de ler e escrever um bilhete simples. Com relação às habilidades de leitura e escrita no Brasil, como afirma Soares (2004, p. 07):

---

<sup>2</sup> Mais informações ver site: <http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2014/09/19/olhar-pais-550198.asp> (Acesso em 1º/nov./2014).

[...] ao contrário do que ocorre em países do Primeiro Mundo, como exemplificado com França e Estados Unidos, em que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita – a alfabetização, para usar a palavra brasileira – mantém sua especificidade no contexto das discussões sobre problemas de domínio de habilidades de uso da leitura e da escrita – problemas de *letramento* –, no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem [...].

Nesse sentido, é preciso rever o verdadeiro papel da escola que conforme a LDBEN nº 9.394/96 tem como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. No que concerne ao processo de alfabetização, de acordo com Mortatti (2006, p. 01) no Brasil:

[...] a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, em torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com ‘antigas’ e ‘novas’ explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública.

Visando enfrentar essa situação, faz-se necessário que a escola pública encontre caminhos que possa conduzi-la a uma formação preconizada em princípios baseados na leitura e escrita, pois, tanto o(a) professor(a) – como mediador(a) – quanto o aluno – como sujeito ativo do processo - devem estar unidos, numa mesma sintonia. Como afirmam Lajolo e Zilberman (1982, p. 59):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entrega-se a esta leitura [...].

Na condição de leitor, quando se está lendo, o mesmo passa por um processo de exteriorização, de reflexão e, principalmente, de conhecimento. Nesse sentido, afirma Silva (2003, p. 34): “O ato de ler é fundamentalmente um ato de conhecimento”. O ato de ler e escrever deve começar a partir da compreensão abrangente do ato de ler o mundo, situação que conduz os seres humanos a fazerem essa ação antes de ler a palavra. De acordo com Lopes e Senna (2010, p. 04):

Alfabetização é uma palavra que, inicialmente, não suscita muitas dúvidas quanto à sua definição. Parece estar claro tanto no senso comum quanto nas salas de aula e na academia que se trata de um processo no qual se aprende a ler e a escrever.

No entanto, a definição de alfabetização e sua relação com o letramento, para alguns professores, não está explícita como já colocado antes por Soares, pois, muitos se preocupam com o ato de ler e acreditam ser preciso aprender a escrever para depois ler. Soares (*apud*

PIRES, COSTA e FERREIRA, 2007, p. 65):

[...] diferencia alfabetização e letramento. Ao fazê-lo amplia o conceito de alfabetização e valoriza o conjunto de práticas sociais de linguagem, resgatando sua importância para o sujeito. [...] alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se Letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos.

Em algumas situações nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os professores solicitam muitas vezes que os alunos leiam para avaliar a pronúncia ou para analisar se estão decifrando as letras com facilidade ou não. Como afirma Resende (2000, p. 25):

[...] O aprendizado escolar induz o tipo de percepção generalizante, desempenhado assim um papel decisivo na conscientização da criança dos seus papéis mentais. Os conceitos científicos com o seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem constituir o meio no qual a consciência e o domínio dos objetos se desenvolvem, sendo mais tarde transferidos a outros conceitos e a outras áreas do pensamento. A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conhecimentos científicos [...].

A leitura na escola deve ser fundamentalmente um dos principais objetivos do ensino. Para que possa se constituir também como objetivo de aprendizagem é necessário que faça sentido para o aluno, ou seja, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista aos objetivos de realização imediata.

Em sentido geral, se identifica que, não se formam bons leitores solicitando aos alunos textos apenas porque o(a) professor(a) pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura que é o trabalho com a diversidade textual, sem essa diversidade de textos se pode até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes.

Para Marcuschi (*apud* PIRES, COSTA e FERREIRA, 2007, p. 64): “[...] Os gêneros textuais são instâncias de sentidos que se diferenciam em conteúdo, forma e estilo e estão vinculados a situações sócio-comunicativas e culturais, em constante transformação [...]”. Identificada a partir dessa concepção se observa que a leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim.

Vale destacar que, ensinar a ler e escrever não depende único e exclusivamente de um(a) professor(a) de Língua Portuguesa, mas sim, de todos os professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e que não se deve esperar a criança chegar nessa etapa de ensino para começar o processo de leitura e escrita, pois desde da Educação Infantil através

da leitura imagética e do processo de alfabetização inicial pelo qual passa, que a mesma já pode ser imersa na magia do conhecimento.

## 2.1 As tecnologias digitais como auxílio no processo de leitura e escrita

Como forma de atuarem conscientemente frente à execução das atividades de leitura e escrita, se faz necessário que os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental desenvolvam atividades em sala de aula desafiadoras, estimulantes, pautadas na pesquisa, ou seja, fazendo uso de alternativas como as tecnologias digitais que motivam os alunos e incentiva-os a se sentirem co-participes do processo de ensino e de aprendizagem. De acordo com Kassir (2004, p. 519), nesse sentido:

A escola vai apresentar à criança um olhar diferente do mundo: vai introduzi-la no mundo da produção científica, no prazer de desvendar os mistérios do mundo e de descobrir a existência de novas fronteiras nunca antes percebidas. Vai, também, introduzir a criança em conceitos iniciais de direitos e deveres celebrados por sua sociedade. Dessa forma, a escola vai se processando como elemento mediador entre criança e saber sistematizado [...].

Assim sendo, as tecnologias digitais aparecem como alternativas viáveis a escola, que poderá ser capaz de fazer uso no dia a dia através de práticas de leitura e escrita a fim de conduzir as crianças e adolescentes a formas diferenciadas de como ler e escrever.

Logo, a internet surge na escola como uma ferramenta que conduz a mudança da leitura e da leitura através do hipertexto, pois propõe segundo Bolter (*apud* COELHO, 2013, p. 3), “[...] uma nova ordem para o uso das habilidades de leitura e escrita, quebrando o paradigma do livro impresso que reinara até então [...]”.

Essa forma de interação virtual entre leitor e hipertexto digital é denominada por Xavier (*apud* COELHO, 2013, p. 3) de letramento digital. Ou seja, o letramento conforme o autor assume a capacidade de:

[...] mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela -, também digital.

Assim sendo, se percebe que o ciberespaço proporciona cores, formas e movimentos apresentados na tela do computador, contribuindo de certa maneira para fascinar e prender a atenção do aluno como usuário. Nesse sentido, Álvares (*apud* ARAÚJO, 2008), caracteriza o hipertexto como um documento eletrônico que compõe nodos e unidades textuais que se

interconectam formando uma estrutura não linear. Ou seja, ao leitor é dada a oportunidade de ir em busca de suas próprias opções de leitura, diferente da leitura tradicional oportunizada apenas no livro que só apresenta uma única estrutura de leitura. De acordo com Araújo (2008, p. 4):

No ciberespaço as práticas e eventos de letramento começam a ser mediadas por um conjunto dos gêneros virtuais de modo que, a capacidade interativa e multisensorial oferecida pela multimídia, que constitui os gêneros virtuais, instiga o sujeito a lançar mão de novos processos cognitivos ajustáveis a dinâmica de interação desse espaço.

Atualmente, se discute muito a questão do fracasso escolar como sendo apenas culpa do aluno ou da família, ou seja, muitos por pertencerem à classe popular, são considerados iletrados sem as mínimas condições de acesso ao conhecimento. Como assegura Charlot (2003, p. 29):

O que produz o sucesso ou o fracasso escolar é o fato de o aluno ter ou não uma atividade intelectual – uma atividade eficaz que lhe possibilite apropriar-se dos saberes e construir competências cognitivas. Se um aluno fracassa na escola, não é diretamente porque pertence a uma família popular, é porque não estuda ou porque não estuda de maneira eficaz.

As escolas públicas, atualmente, quase todas, dispõem de recursos multimídias capaz de favorecer novos espaços de aprendizagem aos alunos, assim sendo, o que falta aos professores é se apropriarem do uso e da prática de recursos digitais, como: o *e-mail*, o fórum de debates, os *chats* e os *blogs* como alternativas de interação, entretenimento e oportunidade para trabalhar a leitura e escrita com os alunos. Como forma de defini-los afirma Costa (*apud* ARAÚJO, 2008, p. 8):

[...] o *chat* é diferente de uma conversa face a face ou telefônica. [...] o *e-mail* não é uma carta, nem um fax, nem uma chamada telefônica [...] Ele é mais rápido que a correspondência postal comum, menos caro que o telefone, fácil de ser utilizado. Seu tom é coloquial e direto, não há perda de tempo, nem fórmulas convencionais. Esse tipo de dispositivo permite ainda que pessoas interessadas em um mesmo assunto possam fazer uma discussão coletiva *on-line*, como nos fóruns. [...] os *blogs* são um gênero híbrido de escrita de si, gênero este que submete a um constante processo de definição e redefinição as fronteiras entre as esferas do público e do privado.

Ou seja, as formas e modelos de como trabalhar no ciberespaço são múltiplos e variados, assim sendo, cabe ao(a) professor(a) a partir do trabalho que desenvolve com os alunos propor situações de aprendizagem capaz de motivá-los a ler e escrever com propriedade, o que muito irá conduzi-los a uma formação cidadã, pois, irão interagir através

das tecnologias digitais fazendo uso de práticas de leitura e de escrita ora como leitor de variados textos ora como autor de seus próprios textos.

Para Mortensen e Walker (*apud* JUNQUEIRA, JUNQUEIRA e SILVESTRE (2013, p. 03):

[...] o blog está criando conexões que “ligam” os blogueiros a uma comunidade. [...] por sua vez, os blogs são páginas da internet, pode apresentar textos tais como ideias, opiniões, diários pessoal, propostas, conhecimento popular ou científico entre outros gêneros textuais.

Nesse sentido, propor situações didático-pedagógicas onde os alunos sejam motivados a escrever seus próprios textos num blog, como: poesias, anúncios, recadinhos, entre outros; sejam incentivados a passar *e-mail* tanto para o professor como para os colegas apresentando essas produções de textos de sua autoria; manter diálogos em grupo num *chat* e convocá-los a apresentar seu ponto de vista sobre um determinado tema através de um fórum de debates, todas essas práticas de leitura e escrita conduzem professor e alunos a estarem sempre atualizados, pois as informações *on-line* ocorrerão em tempo real e se oficializadas conduzirão os alunos a ler seus próprios textos e o dos colegas a fim de que possam socializar as ideias produzidas no grupo.

Essas situações representam excelentes alternativas de incentivo tanto para com a leitura como para a escrita e conforme Lévy (1996, p. 41) defende, “[...] o leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel, já que o computador se apresenta como um “operador de potencialização da informação”.

Trabalhar em sala de aula ou num ambiente virtual representa para o professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental um desafio, porém Soares (2002, p. 151) assegura que,

Embora os estudos e pesquisas sobre os processos cognitivos envolvidos na escrita e na leitura de hipertextos sejam ainda poucos (ver, por exemplo, além das já citadas obras de Lévy, também Rouet, Levonen, Dillon e Spiro, 1996), a hipótese é de que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um *letramento digital*, isto é, um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

É urgente e necessário que o(a) professor(a) dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental promova junto aos alunos atividades tendo como base para a escrita a produção de textos narrativos, descritivos e dissertativos, assim como também incentive o uso de estratégias que envolvam os diversos gêneros textuais através das tecnologias digitais, como: contos, crônicas, bilhetes, anúncios, cartas, dentre outros.

### 3 CONCLUSÃO

O ser humano, atualmente, é definido pelo grau de conhecimento que obteve ao longo da vida e pelas competências e habilidades que executa, pois diante de uma sociedade plural e permeada de informações da qual faz parte, lhes são exigidas respostas para inquietações que muitas vezes nada tem a ver com o rol de atribuições que vivencia no seu dia a dia.

Assim sendo, dentre muitas situações em que se sente envolto, quase todas lhes instiga para a necessidade de aprimorar os conhecimentos voltados para leitura e escrita. Nesse sentido, se faz mister desde cedo a escola pensar em práticas que possam motivar os alunos e impulsioná-los a produzir e ler textos, não de forma impositiva, mas com responsabilidade e também através da ludicidade.

O computador é uma excelente ferramenta para trabalhar a produção de textos e a leitura de forma lúdica uma vez que, na tela, o aluno pode criar os mais diferentes tipos de formas, desenhos, textos, cores, o mesmo ainda pode enviar e receber essas produções tanto para o(a) professor(a) como para os colegas sem a necessidade de apagar e ter que refazer novamente, pois salvando-a ficará registrada para que em outra oportunidade possa aprimorar e refazer para melhorar.

Ou seja, os alunos que se encontram atualmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental fazem parte da geração dos nativos digitais, que possuem todo um aparato tecnológico ao seu dispor, pois usa celular, vídeo game, computadores dentre outros recursos tecnológicos e estes por sua vez possuem uma série de funções a fim de lhes propor entretenimento, diversão e comunicação.

Logo, cabe a escola e seus professores se adaptarem e utilizarem todos esses recursos a favor do conhecimento e da aprendizagem dos alunos, pois é preciso ensinar-lhes de que as informações adquiridas via *web*, devem ser trabalhadas e aperfeiçoadas para que possam ser transformadas em conhecimento.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosana Sarita. **Letramento digital**: conceitos e preconceitos. In.: Anais Eletrônicos do 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, UFPE, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional nº 9.394/96**. Brasília, DF, 1996.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. 10ª ed. São Paulo, 2004.

CHARLOT, Bernard. O sujeito e a relação com o saber. In.: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Formação de educadores: desafios e perspectivas** (Org.) São Paulo: Editora UNESP, 2003.

COELHO, Lenir de Jesus Barcelos. A leitura e a escrita no hipertexto digital como práticas sociais: reflexões a partir da perspectiva do letramento. In.: **Revista Ícone**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Vol. 11. Jan. de 2013 – ISSN 1982-7717.

JUNQUEIRA, Priscila Correa; JUNQUEIRA, Larissa Correa. e SILVESTRE, Hugo de Andrade. **Letramento digital no ensino fundamental nos anos iniciais**. Site: [pibidletamentodigital.blogspot.com](http://pibidletamentodigital.blogspot.com) (Acesso 30 jul 2014)

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães, O professor e as práticas educativas. In.: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores** (Org.) São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOPES, Paula Cid; SENNA, Luiz Antonio Gomes. In: **XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, Painel "Formação de professores e letramento em EJA: desafios contemporâneos", 2010, Belo Horizonte, MG. Anais do (ISBN: 21773360), pp.1 a 32.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.

PIRES, Maria das Graças Porto. COSTA, Margareth Correia Fagundes e FERREIRA, Lúcia Gracia. Alfabetização e letramento: concepções e práticas. Linguagens, Educação e Sociedade. In.: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI/Universidade Federal do Piauí/ Centro de Ciências da Educação**, ano 12, n.17, (2007) – Teresina: EDUFPI, 2007. pp. 63 a 71.

RESENDE, Fernando. O desafio de formar leitores. In.: **Revista Presença Pedagógica**. nº 34, p. 17 - 25, Julho/ agosto. 2000.

SILVA. Renata. **Letramento no Brasil: reflexão a partir do INAF**. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In.: **Revista Brasileira de Educação** – ANPED. nº 25, 2004.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In.: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> (Acesso em 19/06/2014).